

La piccina s'imbronciò. Allora non poteva volere? Volevano volere a nome suo? Perché è vietato mangiare lasagne? Questi interrogativi si leggevano sul suo viso, ma le labbra tacevano. Quando il cameriere ritornò con i piatti e il servizio, lei attaccò subito:

— Cameriere, ci sono lasagne?

— Certo, signorina.

Il padre, al contrattacco:

— Lei ha già ordinato la frittata?

— Sì, dottore.

— Con dei gamberi belli grossi?

— Eccezionali, dottore.

— Bene. Allora mi porti una birra alla spina, e per lei... cosa vuoi, angioletto?

— Lasagne.

— Porti una spremuta d'arancia per lei.

Con la birra e la spremuta d'arancia venne anche la famosa frittata di gamberi che, per la meraviglia dell'intero ristorante, interessato allo svolgersi dei fatti, non fu rifiutata dalla signorina. Anzi, come se la pappò! La silenziosa masticazione attestava, ancora una volta al mondo, la vittoria del più forte.

— Era veramente squisita, no? – commentò il padre con un sorriso ben pasciuto. Sabato prossimo lo facciamo di nuovo... D'accordo?

— Adesso le lasagne, vero papà?

— Io sono sazio. Dei gamberi così buoni! Ma tu le mangerai davvero?

— Io e te, va bene?

— Piccola mia, io...

— Dovrai farmi compagnia, lo sai? Ordina le lasagne.

Il padre abbassò il capo, chiamò il cameriere, ordinò. A quel punto una coppia al tavolo accanto applaudì. Tutta la sala fece altrettanto. Il padre non sapeva dove cacciarsi. La bambinella, impassibile. Se nella congiuntura il potere giovane traballa, è in arrivo, a tutta forza, il potere ultragiovane.

Versão de Eunice Carmo dos Santos e Lúcia Rockenbach, sob orientação da Prof^a. Susana Termignoni.

Comentando o delito de praticar ato obsceno em lugar público, Nelson Hungria sustenta que o beijo libidinoso, prolongado, cinematográfico, pode constituir o crime do artigo 233 do Código Penal.

Pois, estávamos em uma parada de ônibus, eu e meu guarda-chuva, sob o desconsolo de uma garoa triste, quando o jovem casal ancorou ao meu lado. A moça não tinha mais que uns vinte anos bem aproveitados, explodindo sob uma blusa justa. O rapaz era um bigodudo de má catadura, com os cabelos escorridos de chuva sobre os ombros molhados. Abrigava-se embaixo da sombrinha vermelha da jovem e não queria saber de outra vida: a dois por três, aplicava a bigodeira sobre a boca da namorada, em compridas sucções.

Não tinha mau gosto o Romeu. Ela possuía uns lábios de amora madura, pitanga, uva rosa, sei lá... E fazia biquinho acolhedor à aproximação da bigodeira.

No primeiro momento irritei-me, dei razão a Nelson Hungria. Sob a tarde molhada, cheia de nimbo e de sugestões, a cena era um acinte para quem tinha afazeres graves. Suplício para quem levava consigo apenas um guarda-chuva sombrio. Até me deu gana de efetuar uma prisão em flagrante ou de convocar uma patrulha da "Tradição Família e Propriedade": "Aqui Del Rei contra a lascívia!"

É claro que houve depois, no subconsciente, outro alvitre inconfessável, censurado pela indormida consciência de homem sério e chefe de família. Mesmo porque não seria fácil arrebatá-la a garota apetitosa ao seu galã...

Na encruzilhada das duas sugestões, - a moralista e a libertina - terminei concluindo que o beijo já não pode ser censurado como um crime, segundo

pretendia o duro penalista mineiro. O caszinho que se beijava em público, sob a alcovite da chuva, a três passos de um varão solitário, não tinha a menor consciência de praticar ato ilícito. Possivelmente fizesse o mesmo diante do PM da esquina, ou do padre vigário. Legitimado no cinema, na televisão, nas fotonovelas, o beijo lascivo perdeu a clandestinidade das coisas proibidas. E não seria exigível conduta diversa numa tarde chuvosa, quando um bigodudo sem compromissos tem uma namorada com lábios de amora.

Commentando il delitto di praticare atti osceni in luogo pubblico, Nelson Hungria sostiene che il bacio libidinoso, prolungato, cinematografico può costituire il reato previsto nell'articolo 233 del Codice Penale.

Ebbene, eravamo alla fermata dell'autobus, io e il mio ombrello, sotto la desolazione di una pioggerella triste, quando la giovane coppia si piazzò al mio fianco. Lei non aveva più di una ventina d'anni ben vissuti, traboccante nella camicetta stretta. Il ragazzo era un baffuto dalla brutta cera, con i capelli sgocciolanti di pioggia sulle spalle bagnate. Si riparava sotto l'ombrello rosso della giovane e non gli interessava altro: applicava ripetutamente i baffoni sulla bocca dell'innamorata, in prolungate suzioni.

Non aveva cattivo gusto il Romeo. Lei aveva delle labbra di mora matura, lampone, uva fragola, che ne so... E faceva beccucci invitanti all'accostarsi dei baffoni.

Dapprima mi seccai, diedi ragione a Nelson Hungria. In un pomeriggio bagnato, pieno di nubi e di suggestioni, la scena era una provocazione per chi aveva gravi impegni. Un supplizio per chi portava con sé solo un ombrello malinconico. Mi venne perfino l'impeto di effettuare un arresto in flagrante o di convocare una pattuglia di "Tradizione, Famiglia e Proprietà": "– Ecco *del Rei* contro la lascivia".

Chiaramente emerse poi, nel subconscio, un altro desiderio inconfessabile, censurato dalla vigile coscienza di uomo serio e di capofamiglia. D'altronde non sarebbe stato facile strappare la fanciulla appetitosa al suo galante...

Nell'incrocio dei due suggerimenti – uno moralista e l'altro libertino – finii per concludere che ormai il bacio non può essere censurato come reato secondo le intenzioni del duro penalista di Minas Gerais. La coppietta che si baciava in pubblico, sotto la pioggia galeotta, a tre passi da un maschio solitario, non aveva

la benché minima coscienza di praticare un atto illecito. È probabile che avrebbe fatto lo stesso davanti al vigile di turno o davanti al parroco. Legittimato dal cinema, dalla televisione, dai fotoromanzi, il bacio lascivo ha perso la clandestinità delle cose proibite. E non si potrebbe esigere una condotta diversa, in un pomeriggio piovoso, da un baffuto sfaccendato che ha un'innamorata dalle labbra di mora.

Versão de Eunice Carmo dos Santos e Lúgia Rockenbach, sob orientação da Prof^a. Susana Termignoni.

O medalhão

Sérgio da Costa Franco

O medalhão é, antes de tudo, um homem hábil. Foge de embrenhar-se em dissertações profundas, preferindo sempre a superficialidade brilhante e ostentosa. Fala pausado, economizando conceitos, embora muito pródigo na adjetivação e na repetição enfática. Ele ama o óbvio e o reproduz com solenidade. Conceitos novos podem desmascarar a insegurança, a fatuidade e a improvisação. Daí sua devoção pelos chavões consagrados, que ele declama com impositações graves, muitas pausas e muitos gestos. É claro que não faltará à sua palestra alguma pitada de humor, o gracejo de bom efeito, escutado alhures e reproduzido em quantas situações o justifiquem.

Mas, acima de qualquer coisa, ele adora os gestos. Sua gesticulação nada tem do improvisado irrefletido da mímica dos homens espontâneos. É programada e ensaiada. Um dedo em riste no momento azado pode valorizar o lugar-comum mais vazio. Uma cuidadosa justaposição de mãos – dedo contra dedo e palmas em concha – assegura à exposição tola um ar de seriedade impressionante. Um enfático espalmar de mãos em direção ao infinito garante a aparência de conteúdo ao mais gasto dos chavões.

A gentileza é sua arma secreta. Nunca se verá o medalhão agressivo e cheio de arestas, capaz de suscitar indignações e antipatias. Ao contrário, a simpatia é o segredo de seu sucesso. Um discurso de saudação? O medalhão aceitará de bom grado a incumbência. Um prefácio? Ele está inteiramente às ordens. Recepções, coquetéis, despedidas, cerimônias de posse? Está sempre pronto a comparecer.

FRANCO, Sérgio da Costa. O medalhão. In: _____. Quarta Página. Movimento: Porto Alegre, 1975.